



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA S. FRANCISCO, 15 e 17

PROPRIETARIO, DIRECTOR E EDITOR

Hilario Candido Barreiros d'Oliveira

COMPOSTO E IMPRESSO NA TIP. DO CENTRO DE NOVIDADES — R. D. ANTONIO BARROSO 134 A 140 — BARCELOS

O CAVADO

SEMANARIO LITERARIO

ASSINATURAS:—Ano 1:200, pelo correio 1:400; semestre 600, pelo correio 700; trimestre 300, pelo correio 350. Avulso 30. Brasil e Africa 2:000.

FALANDO DE NÓS

Estavamos longe de prever a lisonjeira aceitação que o nosso jornal teve.

Modestamente nós vinhamos a publico sem pretensões de nos salientarmos! Norteava-nos apenas o desejo de sermos uteis á nossa terra e prestáveis aos nossos conterraneos.

Fomos mais que felizes, tais e tantas foram as palavras amigas que de diversos pontos nos dirigiram categorizados cavalheiros com cuja amizade nos honramos.

A rigor não expuzemos um programa definido, porque estamos convencidos da falência d'elles.

Esboçamos apenas a singélas carvoadas qual era a nossa intenção, qual o fim que tínhamos em vista.

O nosso Cavado prometeu ser, primeiro que tudo, um jornal de feição puramente literaria.

Hade sê-lo. Prometeu propagandear o nosso burgo, inaltecê-lo como é devido, a terras de tão nobre passado e tradições.

Isto ha-de cumprir-se.

Prometemos não abordar nunca a politica, nem ferir susceptibilidades, nem consentir campanhas pessoais nas colunas do nosso jornal, e isto hade igualmente cumprir-se.

Os nossos colegas na imprensa, meramente o importante diario bracarense—*Ecos do Minho*—diz-nos com amigas palavras que

o fim que nos norteia é digno de elogio.

E' na sua secção *Ecos* que nos diz isso e que transcreve os ultimos quatro paragrafos do nosso artigo de apresentação, concluindo: «até que finalmente apparece gente com juizo em Portugal».

Isto trocado em miudos não quer dizer que o nosso belo paiz seja um imenso *Rilhafoles*, com quartel general em Lisboa e o grosso do exercito espalhado por essas provincias fóra; mas simplesmente esta coisa simplicissima: que desde que a politica avassalou tudo e todos, desde que a politica foi tema obrigatorio de todas as composições literarias e de todos os artigos dos periodicos — apparecer um jornal na provincia — na provincia, notem! — que punha fóra das portas, pelas orelhas, a matrona illustre a quem Rafael chamou «A grande Porca» — é realmente ter um pouco de senso comum.

Perdoem-nos se somos imodestos fazendo esta apreciação critica ao Eco do diario bracarense.

Prometemos para a outra vez falarmos menos de nós e mais de coisas que sejam de utilidade manifestada.

Até á semana, pois.

Armindo Miranda

SOLICITADOR

Rua D. Antonio Barroso = BARCELOS

marceneiro qualquer o levasse por um quartinho, para o transformar num lavatorio.

Cheguei-me ao pé dele e toquei-lhe numa das poucas teclas cariadas, que ainda lhe restavam.

Soltou um grito rouco e doloroso, como um doente a quem espremessem um tumor.

— Doe-te? perguntei-lhe eu.

— «Não imaginas! disse o pobre diabo. São dores infernaes». E começou a tossir, a tossir, uma tosse cava, ferrugenta, despeçadora.

— Coitado! murmurei eu. Tenho pena de ti, velha carcassa musical e esta pena é tanto mais sincera e verdadeira, quanto é certo que eu dedico a minha melhor colera e o meu melhor odio a todos os patifes da tua raça miseravel. Eu admiro a musica das esferas até á gaita de foles. Mas o piano! oh, o piano começa por não ser um instrumento; é um movel. E' uma especie de cómoda para guardar valsas. Não foi inventado por Orpheu, foi descoberto por um carpinteiro. Diferença-se apenas duma secretária em não servir para se escrever.

LITERATURA

Moisés-Moisignis

Chamo-me Teófilo e sou filho do conselheiro Rufino. Na terra onde nasci chamavam-me Moisés. Na terra onde nasci — não: na terra onde me creei.

Moisés me chamam, porque como o meu biblico homónimo fui também «salvo das aguas». Das aguas e do fogo.

Nasci num dia de tormentosa tempestade e invernía.

A cheia inundou o casebre onde fui dado á luz, e o meu pobre berço flutuou, comigo dentro, durante horas. Eu dava uns berrositos muito dêbeis que chamavam a atenção da visinhança. Quanto a minha mãe jazia na cama prostrada e sem sentidos. Fui «salvo das aguas», enfim!

Aos oito anos um incendio queimou a choupana da minha ama. A labareda lambeu-me parte do cabelo da cabeça e chamuscou-me uma omoplata.

Por isso o sr. prior quando eu passava com as ovelhas dizia a rir:

— Lá vai *Moisés Moisignis*. «Salvo das aguas», «salvo do fogo».

Eu ria também, regosijado.

Coitado do prior! Um dia foi vêr os fornos de telha. Desequilibrou-se, caiu dentro e morreu queimado. Coitado! Nem *Moisés* nem *Moisignis*. Eu tive pena d'ele. De quando em quando chamava-me a casa. Dava-me pão de ló e biscoitos e ensinou-me a ajudar á missa e a doutrina. Eu sabia muita.

Quando tinha 12 anos disse-me assim:

Só daqui a 15 anos saberás quem és. Eu disse comigo: «Que me importa! Então eu não sei quem sou?» E fiquei tranquilamente roendo um biscoito. Dali a muito tempo, no fim da missa, enquanto eu guardava as galhetas e metia ao bolso as aparas das hóstias para colar um papagaio de papel, fitou-me muito e disse: — Fazes hoje treze anos. Faltam só doze».

Eu perguntei assim.

— «Doze quê?»

— «Doze anos.»

O piano é a harpa eolia dos brasileiros ricos.

Eu creio, que o piano, como um grande numero de descobertas modernas, tem uma origem muito mais antiga do que se julga. Suponho que deve datar do tempo dos Pharaós, e que foi a oitava praga, que, com a dos gafanhotos, chegou ainda até ao nosso tempo.

E coisa singular! como o destino dos pianos se parece com o destino do povo de Israel: Tanto os pianos como os judeus andam espalhados por toda a superficie do globo, errantes, sem patria, cosmopolitas. Nem sei mesmo quais são em maior numero, se os pianos, se os filhos de Abrahão.

Seja como fôr, o que é verdade é que o piano é uma descoberta de que ainda se não tirou todo o partido, e creio mesmo ha-de ser ainda um objecto de utilidade incontestavel, logo que esteja resolvido o problema da sua applicação á typografia.

«O piano chegará á sua grande perfeição, e tornar-se-ha até um instrumento agradável quando, mexendo-lhe numa tecla, em vez de sair um *dó*, sair simplesmente um *X* ou *F*,

—Para que?

—Para conheceres os teus progenitores. Eu não sabia o que eram progenitores.

Disse-lhe assim:

—«Bem sei.»

Ele tornou a calar-se e eu também.

Dali a quinze dias caiu no forno. Nem *Moisés* nem *Moisignis*. Coitado. Era um santo homem.

A minha ama, oito dias depois da tragedia na telheira, disse-me:

—Tens de ir a Lisboa, Teófilo.

—Para que?

—Para que sim.

—Onde é Lisboa?

—Muito longe.

—E' uma vila?

—Diz-se que é uma cidade muito linda.

Oito dias depois chegou um sujeito de luvas, chapéu alto, muito bem vestido. Vinha com ele a Joaquina Moleira que trazia á cabeça uma malinha:

—Menino Teófilo? Aqui estão roupas para vestir. Lave-se. E' preciso cortar esse cabelo. Tem de vir comigo.

Aquele sujeito era muito agradável, sorria-se, dava-me bolos doces e falava-me do Porto e de Lisboa. Eu talvez fosse para Coimbra para um collegio estudar. Estudar? Sim: não se havia de passar a vida a pastorear ovelhas no monte. Demais a mais eu tinha uma fronte inteligente e serena—sinal evidente de superioridade mental.

O sujeito de luvas e chapéu alto, dizia isto tudo, enquanto eu me vestia com as roupas novas a estrear e saltitava de contentamento por ir por essas terras fóra ver mundo.

Mas ao despedir-me da ama chorei muito porque a vi chorar com saudades. Coitada da mãe Joana! Só dez anos depois a tornei a vêr muito acabadinha e esquecida, a fiar á porta do casebre um linho fino como seda.

Hoje sou o bacharel Teófilo Rufino de Mendonça. Tenho duzentos contos, palácios, quintas, carruagens e cavalos caros: trinta anos apenas.

Que diferença! No cardenho da mãe Joana não havia nada disto e eu fui lá cem vezes mais feliz: via nascer todos os dias

ou qualquer outra letra do alfabeto, desde o *A* até ao *Z*».

E, enquanto eu dizia isto, o pobre esqueleto de guilhotina com teclas gemia ainda um soluço moribundo, que revoava compassivo e melancolicamente.

E eu continuei.

— Não te aflijas, que isto não é contigo, meu pobre invalido. Já não tens voz: és como as serpentes a quem tiram o veneno. E's uma cascavel inofensiva. Olha, sabes que mais? Faz um esforço, e conta-me em voz baixa, aqui ao ouvido, a historia das tuas aventuras, que no fim de contas devam ser realmente curiosas. Quando estiveres cansado, pára um momento para tomares a respiração. Não tenho pressa. Anda, menino, conta-me a tua vida, que a tua morte dolorosa, essa heide conta-la eu, para que sirva de exemplo ameaçador a dois jovens pianos desordeiros que eu tenho na minha visinhança.

(Continua).

NA FEIRA DA LADRA

HISTORIA DE UM PIANO

E' a feira da ladra o *bric-à-brac* da miseria.

E' a ante-sala do esgoto. Um pouco para diante ha o estrume; um pouco para traz a indigencia.

Cifra-se n'isto — o farrapo util.

Tudo, que tem só o valor indispensavel para ter algum, está na feira da ladra.

Uma vez encontrei lá para vender um dos meus inimigos mais rancorosos — um piano.

Era um velho piano desmantelado, derreado, cachetico. Só já tinha um pé; seguravam-n'o com barrotes, como as casas a desmoronar-se. O seu teclado de marfim, a que faltava a maior parte das teclas, estava entre-aberto, e parecia rir, com o riso sinistro d'uma caveira desdentada.

Confesso que tive uma paixão extraordinaria, vendo aquelle diabo d'aquelle piano, coxo, tropego, desfeito, á espera que um

O Trovador

Hoje na idade-Media um doce trovador
Que passava a cantar por noites de balada
A castelã gentil, de meigo olhar de fada,
Ao som do bandolim, esta canção d'amor:

«No vosso olhar peregrino,
«Cheio de luz seductora,
«Ainda nele o meu destino,
«Senhora!

«Vede, não anda apugado,
«Que é a minha estrela polar,
«Por quem sois, tomai cuidado
«Nesse olhar.

«Ele é o fio peregrino
«Que nos prende os corações:
«—Rouxinois cantando um hino
«Oh! quem sabe? — de ilusões.
«Mas esse olhar, por agora,
«Traza consigo o meu destino,
«Senhora!

E assim lhe foi correndo a vida docemente,
Numa candura ideal, purissima de arminho,
Como um Cisne a vogar num lago mansamente,
Toulinegra a cantar ditosa junto ao ninho.

Mas veio um desengano . . . e o trovador chorou;
Já de cabelos brancos no frescor da idade!
Nublou-se, ao reponar, o sol da mocidade,
Aguia real ferida, ao levantar a vôo.

E quando lia um dia as cartas perfumadas
Pela mais penetrante oriental essencia,
Vendo promessas, juras sem pudor quebradas,
Perdeu, a soluçar, dez anos de existencia.

De noite, quando foi, á limpida harmonia
Que se evola da terra á abobada sem fim,
Cantar á castelã, partiu-se ao bandolim
A corda mais sonora e branda. Era a Alegria.

Mais tarde ouviu dizer que um cavaleiro andante
Partira, a correr mundo, a cantar a excellencia
Da nobre castelã; e o menestrel amante
Perdeu, a soluçar, dez anos de existencia.

De noite quando foi cantar-lhe entre o perfume
Que exalavam p'ra o seu-as rosas do jardim,
Viu partir-se, num trilo, ao doce bandolim
A mais sensível corda,—a corda do Ciume.

Já cumprida a missão, de volta esse donzel,
Como bom cavaleiro, após a longa ausencia,
Uniu-se á castelã; e o doce menestrel
Perdeu, a soluçar, dez anos de existencia.

E o meigo sonhadôr, alena de pomba mansa,
De noite foi cantar mais uma trova, alfin:
Mas viu partir-se então, num trilo, ao bandolim
A derradeira corda, a mais dourada —a Esperança

A noite ia caíndo, envolta em fina essencia,
Que os lírios fubricavam nas manbãs de abril;
E o sonhadôr perdeu, ao som do arrabil,
Na derradeira trova, o fio de existencia.

Por isso é que não mais aquê trovador
Passava ternamente as noites de balado,
Cantando á gentil dona dum olhar de fada,
Ao som do bandolim, uma canção d'amor.

FELICIANO GUIMARÃES.

o sol do alto do Castro, bebia a agua fresca das fontes do monte e tinha a mais invejavel saude. Saltava com tanta agilidade como os anhos e os cabritos e nunca tive um desgosto.

Hoje sou tão rico de infortúnios como de venturas. Persegue-me a mais cruel neurastenia: passo a vida a aborrecer-me das coisas que me cercam, dos amigos e de mim mesmo.

Vou pois voltar ao campo. Hei-de pastorear ovelhas como ha vinte anos e espero na rusticidade da natureza regenerar o meu organismo e a minha saude.

(Do livro inédito Vida Alheia)

Manuel Boaventura.

CRITICA BARATA

Pois tambem eu sou instado a colaborar com o descolorido da minha prosa, ou a insulsez dos meus versos, no novo semanario?

Um jornal de feição literaria, alheio a politicas e que conta com a colaboração dos mais erguidos espiritos do nosso buego, quer, logo de começo, manchar-se com a minha incisiva colaboração? Pois seja.

Como a critica está barata, a unica coisa que até ao presente

momento escapou ás funestas consequências da guerra, e não foi ainda contribuida, eu vou criticar.

Não falarei de politica para não envolver o Cavado em tão nojento lodaçal que só ele com uma valente cheia poderia limpar, nem das roseirinhas que na proxima primavera nos hão-de dar cerejas de todo o ano e rosas sem caroço. Não. Tudo isso fica de parte. A fieira de pedrinhas alinhadas que no Largo da Calçada vai sustentar caprichosos e verdejantes arrelvados não deixará que outro caminho possa seguir quem das letras pela senda trabalhosa queira conter-se nos limites que elas marcam e entreter-se com as verduras dos recintos.

Não direi mal de nada nem virei jámais a publico insinuar que o material velho da luz electrica de Braga, vindo dos Estados Unidos, vai aqui ser prantado, tão fresquinho como as sardinhas d'Espozende vindas de Vigo em canastras, após dois dias de viagem.

Nada disso! Quem a tal se atrevesse era só com o espirito de malsinuar ou com a intenção de desgostar quem a tão rasgadas obras se abalança. Defeitos sempre os houve. Que importa que a Rua Direita ficasse com um hombro mais alto e outro mais baixo se ha tanta gente por ahí que tem uma perna mais curta que a outra.

E' preciso vêr as coisas como elas são e reconhecer-se que em tudo ha coragem e boa vontade. Que a gente barcelense é afoita, e até muito atreita a grandes empreendimentos, prova-o o sangue frio com que passa para Barcelinhos olhando serenamente o cunhal das Torres escorado a pinheiros. Que mais é preciso para saciar a curiosidade dos leitores d' «O Cavado» com a minha Critica Barata?

Entendo que por hoje basta e que já muito lhes disse.

Se a sêde for muita metam a agua em casa que os marcos fontenários mudaram o domicilio e as torneiras estão no concerto . . . Dargalo.

Antonio Cardoso

Domingos de Figueiredo

ADVOGADO

Rua Direita BARCELOS

Secção alegre

Uma mulher feia chora amargas lagrimas no seio duma sua amiga que é bonita.

—Oh! minha querida, quanto me consideraria feliz se visse um homem a meus pés!

—E' coisa muito facil.

—Ora essa!

—Manda chamar um calista.

Uma rapariga corre toda aflita ao Commissariado da policia.

—Ah! sr. commissario, meu marido acaba de me fazer uma partida que eu não esperava!

—Então que foi?

—Enforcou-se esta manhã.

Noticiario

Agradecimento

Os nossos presados colegas locais «Folha da Manhã», «Era Nova» e «Barcelense», referiram-se ao Cavado com palavras amigas.

—Tambem, como noutro lugar dizemos, o nosso colega bracaraense, *Ecos do Minho*, se referiu ao nosso jornal com palavras que calaram profundamente na nossa alma — transcrevendo até parte do nosso artigo do fundo

O nosso agradecimento cordeal.

Dr. Miguel Fonseca

Estiveram no Porto, num dos ultimos dias desta semana, onde foram expressamente visitar o sr. Dr. Miguel Fonseca e saber da sua saude, os srs.: capitão Nicolau Joaquim de Barros Bacelar, Emilio do Cunha Velho Pinto Rosa, Agostinho Lopes dos Santos, Joaquim da Cunha Velho, Pedro de Azeredo e Antonio Gomes dos Santos Garrido.

Concertos Musicais

Realizou-se no penultimo sabado, o primeiro concerto dos distinctos artistas sr.^a Dargallo Collar e sr. D. P. Collar, na Assembleia Barcelense, e a hora em que este semanario vai entrar no prelo ainda se não apagaram da sensibilidade esthetica dos ouvintes que acorreram ao concerto de hontem, as gratas e cariciosas emoções das inspiradas composições que o distinctissimo pianista D. Domiciano Collar e a primorosa soprano sr.^a Dargallo admiravelmente sabem sentir e executar.

Os programas tanto do primeiro concerto, como do segundo, dão logo a impressão do mais refinado bom gosto e do senso e fino criterio artistico que presidiu á sua confecção.

Não nos dispensamos por isso, de os transcrever.

Programa de sabado 13 de janeiro:

1.ª PARTE

1—Sonata quasi una fantasia» opera 27 em dó sustenido menor (Au clair de lune) Adagio-Alegreto-Trio-Presto-Agitato;—Beethoven. (Solo de piano) D. P. Collar.

2—Sonambula. Aria «ah non credea mirarti»—Bellini.

3—Lucia di Lammermoor. Cavatina «Regnava nel silenzio»—Donizetti.

4—A Nenita. (Canção galega—Lens Vieira. Canto sr.^a Dargallo Collar,

2.ª PARTE

1—(a) Ariel (Spirito aereo) Capricho op. 10—Emil Pons. (b) Valse op. 64 n.º 1—Chopin. (Solo de piano).

2—Tosca—Preghiera. «Vissi d'arte, vissi d'amore».

3—Il Baarbiere di Siviglia—Cavatina: «Una voce poco fá».—Puccini.

4—Paqueta la gaditana (canção hespanhola—Hernandez. Canto sr.^a Dargallo Collar.

3.ª PARTE

1—Asturias op. 18—D. P. Collar. Solo de piano.

2—Canzone del Solvejg—Grieg.

3—Pastoral op. 10 n.º 1—Viana da Mota.

Programa de sabado 22 de janeiro:

1.ª PARTE

1—a) Serenata andaluza op. 28 Sarasate—Keller. b) Estudio n.º 15—Hartam.

2—Sonambula. Cavatina. (Como por me sereno)—Bellini.

3—La Perla del Brazil (canção Misoli)—F. David. Canto, sr.^a Dargallo Collar.

2.ª PARTE

1—(a) Bercense—Diedmayeer. (b) Vals op. 64 n.º 2. (c) Bran Vals op. 42.—Chopin.

2—Rigoletto. Aria. (Caro nome)—Verdi.

3—Ave Maria—Ch. Gounod. (Melodia religiosa, adaptada al "1.º Preludio", de J. S. Bach.

2—Maria, Mary (canção napolitana)—E. Di Cápua. Canto, sr.^a Dargallo Collar.

3.ª PARTE

1—Um Fado—A. Rey-Collaco.

2—Gran Vals em ré bemol op. 22—D. P. Collar.

3—Dinorah, (aria e vals de la sombra)—Meyerber.

O pianista eximeo, que sabe arrancar ao ingrato instrumento todas as inflexões, toda a plasticidade, todos os accordes immateriais e vagos, todos os cambiantes, toda a technica das mais sublimes e admiraveis creações e concepções da excelsa Arte que Mozart deificara e que Wagner divinamente humanisara, paraphraseando a expressão de um talentoso critico, foi soberbo de execução e impecavel em todo o seu trabalho.

Por sua parte agradou immenso tambem a sr.^a H. Dargallo, que, se não possui uma voz das que tão raras são que enchem um seculo, dispõe de um fio cristalino, fresco, mavioso, belamente timbrado, na sua garganta afinada e educada na mais cuidada e fina arte de saber cantar.

Com as priverligiadas vocações artisticas e com os recursos da superior escola em que se completaram, valem bem a alta consideração e subido apreço que tem despertado nas mais selectas assembleias, em que se tem dignado fazer ouvir e aplaudir.

Em todos as localidades em que ha algumas duzias de pessoas de bom gosto e que não são de todo rebeldes ao senso esthetico e aos encantos da melodia e da harmonia, tiveram os primorosos artistas o mais penhorante acolhimento, a que sabem corresponder com as maneiras gentis de uma fina educação.

Tal é a impressão que a todos deixaram os nossos illustres hospedes.

Juri criminal

O Juri criminal que tem de funcionar no corrente ano de 1916, foi assim constuido:

Pauta do 1.º semestre

Manoel Pereira Esteves, de Barcelos; Manoel Joaquim Coelho Gonçalves, de Barcelos; José Figueiredo Martins de Miranda, de Vila Cova; Manoel da Silva Gomes Moreira, de Barcelinhos; José Antonio Pereira, de Barcelinhos; Mateus José de Oliveira, de Barqueiros; José Joaquim de Carvalho, de Faria; Joaquim José Pereira, da Lama; José da Silva Figueiredo, de Faria; Plácido Elias Barbosa Lamela, de Barcelinhos; Joaquim José de Oliveira, de Viatodos; Joaquim Gomes da Costa, de Barcelos; João Rodrigues Neiva Duarte Pinheiro, de Perelhal; Manoel José da Silva Graça, da Ucha; Thomaz José de Araujo, de Barcelos; Manoel Joaquim do Vale Lima, de Perelhal; Manoel Joaquim Duarte Salvação, de Barcelos; Manoel Antonio de Miranda, de Barcelos.

Pauta do 2.º semestre

Domingos José de Sousa, de Balugães; José Ferreira Lemos, de Barcelos; José Maria Gonçalves, de Barcelinhos; José da Costa, de Perilhal; João Antonio da Silva Rosa, de Cossourado; Antonio Ribeiro Alves Fernandes, de Barcelos; Avelino Aires Duarte, de Vila Frescainha S. Martinho; Antonio Joaquim de Araujo, de Paradela; José Alves de Faria, de Barcelinhos; Joaquim Gonçalves Maciel, de Roriz; José Pereira da Silva, de Middões; José Pereira da Quinta, de Barcelos; Domingos Pereira Barbosa, de Viatodos; Domingos José Duarte Senra, de Lijó; Joaquim José de Figueiredo, de Carvalhal; Camilo Gonçalves Ramos, de Barcelos; João Rodrigues Barbosa dos Santos, de Durrães; Antonio Gonçalves Barbosa, de Milhazes.

Calendarios:

Recebemos dois lindissimos calendarios, um da importante Companhia de Navegação «Mala Real Ingleza» e outro da antiga e acreditada Companhia de Seguros «Bonança», de que são, respectivamente, agentes nesta vila, os nossos bons amigos srs Arnaldo Torres e Gaspar Ferreira de Macedo Faria Gajo

Agradecemos, penhoradissimamente, a gentileza da oferta.

Dr. Aurelio Queiros

Foi convidado a vir fazer serviço no Hospital da Misericórdia desta vila, o facultativo sr. Dr. Aurelio Queiros, que em seguida ao serviço hospitalar dá consultas na farmacia do Hospital, podendo ser chamado para visitas nos domicilios.



Festa das Cruzes

A Direcção da Associação Comercial desta vila, reunida em sessão de 21 do corrente mês, elegeu a Comissão organisa-dora dos tradicionais festejos das Cruzes no proximo mês de maio, composta dos nossos presados amigos: Dr. Domingos de Figueiredo; Julio Mendes da Rocha Diniz; Antonio Cardoso d'Albuquerque; Miguel Martinho de Faria; João Pacheco Leite; Antonio Vasconcelos; Armindo Miranda; Manoel Candido da Silva Correia. Aparicio Pereira; João Passos; João José Martins; Antero Faria; Domingos Guimarães Esteves; Antonio Pereira de Carvalho e Gaspar de Macedo.



Cinematografo

Agradou muitissimo a sessão permanente do ultimo domingo tendo o *ecrain* mostrado *films* de grande novidade.

Hoje serão exibidas soberbas peluculas de grande successo em que se salienta, pelo seu grande valor artistico, **O Folar** em 3 partes, completando o programa as interessantes fitas: Canal de Bruges—Uma boa surpresa—Historia Amorosa e Terribel Jobard.

Teremos, pois, hoje, uma casa repleta visto que a Empreza tem sabido satisfazer as exigencias do publico



Incendio

Hontem, pelas 7 horas, manifestou-se um principio de incendio na Fabrica de Serração, que prontamente foi extinto pelo seu pessoal, posto que os nossos bombeiros, pressurosamente, ocorrossem ao local, prestando ainda bons serviços.

Informam-nos que foram calculados em 200\$00 os prejuizos e que a fabrica deixa de funcionar, temporariamente, por desarranjo nos motores.



Camara Municipal

Sessão plenaria de 20 de janeiro.

Foi aprovada a minuta da acta anterior.

Foi aprovado um aditamento, sob n.º 7, ao art.º 145.º do Cod. de Posturas, afim de proibir o depositar, estender, pôr a corar ou a secar, quaisquer roupas ou panos, quer no chão, quer nas paredes, quer dependurados, nas ruas e largos desta villa.

Deliberou-se que a proxima sessão fôsse no dia 27 do corrente mez.

Rectificação

No ultimo numero do nosso jornal, no relato da sessão da Camara Municipal, dissemos que foi deliberado ampliar com mais cem contos o emprestimo das aguas.

Houve da nossa parte um mal entendido quanto ao quantitativo desse emprestimo, que foi somente de seis contos.

Fica, assim, rectificado o engano.



Vida Militar

Afim de elaborar o programa para a Festa da Arvore a realizar no 3.º batalhão de infantaria 8, nos termos da circular emanada da Secretaria da Guerra, foi nomeada uma comissão composta dos srs.: capitães José Augusto Mancelos Pereira de Sampaio, e Nicolau Joaquim de Barros Baccelar e alferes Alberto Tavares de Magalhães.

—Por decreto do Ministerio da Guerra, foi determinada a abertura das escolas regimentais para praças de pret.

—Pela Junta Hospitalar de Inspeccao reunida no Hospital Militar de Braga, foram concedidos 30 dias de licença ao 2.º sargento, sr. Joaquim Antonio Miranda da Silva.

—Por estar ao abrigo da Lei de 31 de agosto ultimo, foi mandado fazer serviço no D. R. 8, o 2.º sargento sr. Joaquim de Carvalho.

—Foi promovido a 2.º sargento e colocado na 12.ª companhia, ficando em diligencia nos Serviços Administrativos da 8.ª Divisão do Exercito, o sr. Armando de Sousa Sepulveda.

—Passou a responder pela 12.ª companhia, o 2.º sargento sr. Antonio Luiz da Cunha.

—Foi nomiado amanuense do Conselho Eventual, o 2.º sargento sr. Manuel Casimiro de Faria Vasconcelos.

—Foi de 96 o numero de recrutas incorporados no primeiro contingente do presente ano.



Notas da semana

Aniversarios natalicios:

Passaram:

No dia 19 o dos srs. Dr. Artur Maciel de Faria Machado e Julio Pereira Vieira.

No dia de hontem o da ex.ª sr.ª D. Joaquina de Macedo Gayo.

Passam:

No dia de hoje o da Ex.ª Sr.ª D. Julia Alves Pereira.

No dia 26 o da Ex.ª Sr.ª D. Maria da Paz de Matos Graça e o do sr. Antonio de Vasconcelos Bandeira e Lemos.

Estiveram:

Em Lisboa: o sr. Manoel Vieira Azevedo.

No Porto: a Ex.ª Sr.ª D. Isabel Duarte de Azevedo e os srs. Dr. João Cardoso d'Albuquerque, Domingos Guimarães Esteves, Armindo Miranda, Candido Gonçalves Pereira, Fernando Miranda, Arnaldo Salazar, Antonio Martins Lima, e Antonio da Silva Vieira.

Em Braga: os srs. Eduardo Vieira Ramos, Padre José Coelho, Armindo Miranda, Domingos Ferreira e os srs. dr. José Gomes de Matos Graça e Luis Gomes de Matos Graça e ex.ªs esposas.

Em Espozende: o sr. tenente Francisco Vila-Chã Rodrigues Leite.

Em Barcelos: os srs. Eugenio Azevedo, Antonio Maria de Sousa Pinto, dr. Alfredo Moraes d'Almeida e Manoel Boaventura.

Partiram:

No dia 15 para Lisboa, as simpaticas meninas D. Maria José e D. Maria da Gloria Vieira.

OS MORTOS

Faleceram:

No dia 15: em Perelhal, a sr.ª Teresa Maria Gomes; em Aldreu, o sr. Bernardo José Gonçalves; em Rio Covo Santa Eulalia, a sr.ª Rita Ferreira e em Igreja Nova a sr.ª Tereza Ribeiro.

No dia 16: em Roriz, o sr. Serafim Gonçalves; em S. João de Vila Boa, o sr. João Faria Gomes; em S. Paio do Carvalho, o sr. Francisco Pontes Alves; em Tregosa, o sr. Domingos Ribeiro Gomes; em Grimancelos, a sr.ª Maria Joaquina Barrôso.

No dia 17: em Tregosa, Maria Rodrigues Ribeiro; na Alheira, o sr. José Gonçalves Soares; em S. Verissimo do Tamel, a sr.ª Tereza Rodrigues; na Ucha, a sr.ª Maria Luiza da Cunha; em S. Fins do Tamel, a sr.ª Rosa de Sousa; em Santa Maria de Galegos, a sr.ª Maria de Jesus Fernandes Borges.

No dia 19: em Silveiros, o sr. Daniel Ferreira de Miranda; em Lijó, a sr.ª Maria Gomes; em Rio Covo (Santa Eugenia), a sr.ª Luiza Fernandes Ribeiro

No Hospital da Misericórdia: Ana Coreixas, de Santa Maria de Galegos e Rosa da Silva, de Barcelinhos

—No Hospital da Misericórdia, faleceu tambem o antigo e bemquisto relojoeiro, sr. David Rodrigues de Vasconcelos, que era geralmente estimado por todos, sendo muito sentida a sua morte.

Os nossos pesames.

ANUNCIOS

Editos de 30 dias

1.ª PUBLICAÇÃO

Pelo Juizo de Direito, desta comarca de Barcelos, e cartorio do escrivão do 5.º officio—Rocha Diniz, nos autos de inventario orfanologico, por obito de Maria d'Araujo, solteira, maior, moradora que foi no lugar da Guarda, freguesia de Cambeses desta mesma comarca, no qual é inventariante sua filha natural, Maria Teresa d'Araujo, casada com Manoel José de Magalhães, moradores no dito lugar e freguesia; correm éditos de 30 dias, a contar da segunda publicação deste anuncio no Diario do Governo, a citar o interessado filho natural e ausente em parte incerta dos Estados Unidos do Brasil, José d'Araujo, casado, com Maria, cujo sobrenome se ignora, moradora no lugar de Febros, freguezia de Viatodos, desta mesma comarca, para na qualidade de herdeiro assistir a todos os termos até final do referido inventario, e nêle dedusir os seu direitos querendo, ou constituir advogado ou procurador na sede da comarca que o presente, sob pena de revelia e do regular andamento do mesmo inventario, até final conclusão.

Barcelos, 8 de Janeiro de 1916.

Verifiquei
O Juiz de Direito
Monteiro

O Escrivão,
Julio Mendes da Rocha Diniz

Editos de 30 dias

2.ª PUBLICAÇÃO

Pelo Juizo de Direito desta comarca de Barcelos, e cartorio do escrivão do 5.º officio—Rocha Diniz, nos autos de inventario orfanologico a que se procedia por obito de Domingos José Ribeiro, e agora tambem se procede por obito da viuva inventariante sua segunda mulher Joaquina Ribeiro, tambem conhecida por Joaquina Rosa Ferreira, moradores, que foram no lugar de Ferreiros, freguezia de Cristelo: desta mesma comarca, no qual é inventariante, o filho do segundo matrimonio Joaquim José Ribeiro, viuvo, da mesma freguezia; correm éditos de 30 dias a contar

da segunda publicação deste anuncio no Diario do Governo, a citar os coherdeiros filhos do primeiro matrimonio do inventariado marido, e ausentes em parte incerta dos Estados Unidos do Brasil, José Ribeiro e Manoel José Ribeiro, ambos solteiros, maiores; afim de assistirem a todos os termos até final do referido inventario, e nêle dedusirem os seus direitos, ou constituirem advogado ou procurador na sede da comarca, que os represente sob pena de revelia e do regular andamento até final conclusão do mesmo inventario.

Barcelos, 5 de janeiro de 1916.

Verifiquei.
O Juiz de Direito,
Monteiro.

O Escrivão,
Julio Mendes da Rocha Diniz.

Editos de 30 dias

2.ª PUBLICAÇÃO

Pelo Juizo de Direito, desta comarca de Barcelos, e cartorio do escrivão do 5.º officio—Rocha Diniz, nos autos de inventario orfanologico por obito de José Francisco Pereira de Linhares, casado, morador que foi no lugar de Quintão, freguezia de Santa Maria do Abade do Neiva, desta mesma comarca, no qual é inventariante a sua viuva Brisida Emilia Pereira de Mattos, moradora no dito lugar e freguesia; correm éditos de 30 dias a contar da segunda publicação deste anuncio no Diario do Governo, a citar o coherdeiro filho ausente em parte incerta dos Estados Unidos do Brazil, Joaquim Pereira de Linhares, solteiro, maior, a fim de, assistir a todos os termos do referido inventario, e nêle dedusir querendo os seus direitos, ou constituir advogado ou procurador na sede da comarca, que o presente, sob pena de revelia e do regular andamento do mesmo inventario até final conclusão.

Barcelos, 6 de janeiro de 1916.

Verifiquei.
O Juiz de Direito,
Monteiro.

O Escrivão,
Julio Mendes da Rocha Diniz.

«O CAVADO»

Publicações

Corpo do jornal.....	40	rejs
Secção d'anuncios.....	30	»
Repetição.....	20	»
Comunicados.....	40	»

CENTRO DE NOVIDADES



Fernando Miranda & Irmão

134—RUA D. ANTONIO BARROSO—140

BARCELOS

Papelaria e objectos de escritorio

Papeis e envelopes de todas as qualidades. Sortido completo em todos os artigos. Livros em branco e riscados.

Livraria

Romances, contos, literatura, etc. Obras sobre religião, arte, jurisprudencia, etc. Revistas e jornais ilustrados. Assinatura permanente de quaisquer obra. Livros escolares.

Tabacaria

Tabacos nacionais e estrangeiros. Boquilhas, cigareiras, bolsas, etc. Isqueiros e pedras para os mesmos.

Perfumarias

Sabonetes de todas as qualidades, perfumes, loções, pasta dentifrica, escovas, pentes, espelhos etc. Agua de colonia a retalho.

Postais ilustrados

Sempre as ultimas novidades, em todos os generos. Albus para postais. Cromos.

Tipografia e encadernação

Todos os trabalhos tipograficos — cartões de visita e de luto, rotulos, facturas, envelopes, recibos, relatorios, anuncios, etc. Impressões a côres. Impressos para os srs. Notarios, Escrivães

de Direito, Professores, Juntas, Confrarias, Regedores, etc. Encadernações, pastas, cartazes, etc.

Artigos diversos

Loteria. Cordas para instrumentos. Cartas de jogar. Carimbos de borracha. Carteiras, bolsas, etc., etc.

Generos especiais de alimentação

Chá e café. Cacau, chocolate, farinha Nestlé, maizena e outras, rebuçados, etc. Vinho sem alcool. Aguas minerais. Cerveja.

Preços sem competencia.

PEÇAM O JORNAL-RECLAMO, DISTRIBUIDO GRATUITAMENTE.

Sempre novidades.

ALIANÇA MADEIRENSE

Companhia de Seguros fundada em 1891

Capital social Rs. 300:000\$000

Capital realizado e fundo de reserva Rs. 105:000\$000

Efétua seguros contra incendio em predios, mobílias, estabelecimentos, searas e agricolas em geral.

AGENCIA EM BARCELOS

CASA CONFIANÇA

CAMISARIA—GRAVATARIA—PERFUMARIAS

Rua D. Antonio Barroso

Companhia de Seguros Atlantica

SÉDE — Largo dos Lógos, 92-1.º

PORTO

Seguros terrestres, maritimos e agricolas.

Postais, quebra de vidros, etc.

Seguros de guerra

Correspondente em BARCELOS

JOÃO DE SOUSA

(estabelecimento de fazendas de lã, seda e algodão, rua D. Antonio Barroso, 13-15)

NOVO ESTABELECEMENTO COMERCIAL

DE

Costa & Vasconcelos

Rua D. Antonio Barroso

Rua Barjona de Freitas

BARCELOS

Grande sortimento de artigos para senhora. Veludos ingleses e nacionais, sedas de côr e pretas lavradas para vestidos e blusas. Chales de malha. Espartilhos. Agasalhos. Flanelas, chitas, chales, cachetés, morins, panos crus, etc.

Esplendido sortido de flanelas nacionais e inglesas, tudo para fatos de homem. Casimiras de côr, diagonais, picotilhos e chevies. Padrões da maior novidade para fatos e sobretudos.

MIUDEZAS

MIUDEZAS

Camisaria - Gravataria - Chapéus - Guardasois

Seriedade e modicidade de preços.

“Padaria Maria Antonia,”

O seu novo proprietario acaba de ampliar o seu estabelecimento, com secção de confeitaria, sortido de especiarias, diversos vinhos maduros, conservas de toda a qualidade, frumado queijo da Serra da Estrela, bolacha nacional e estrangeira, farinhos, massas etc.